

**USO DE PLANTAS DA CAATINGA PELO POVO INDÍGENA  
PANKARARU NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL**  
*THE USE OF PLANTS OF THE BRAZILIAN CAATINGA BIOME BY THE  
INDIGENOUS PANKARARU IN PERNAMBUCO STATE, BRAZIL*

**Fabio Rossano Dario**  
Ibiraçú – Espírito Santo – Brasil  
[fabiorossano@hotmail.com](mailto:fabiorossano@hotmail.com)

**RESUMO**

Neste estudo de etnobotânica realizado em territórios indígenas Pankararu, localizados no interior do estado de Pernambuco, Brasil, constatou-se, através de entrevistas, a utilização de 87 espécies vegetais e duas líquênicas, sendo a maioria de ocorrência natural do bioma Caatinga e outras introduzidas para diversas finalidades, como medicinal, alimento, artesanato, lenha, utensílios e construções em geral. O objetivo deste estudo foi realizar um levantamento do conhecimento que os Pankararu possuem sobre a vegetação existente nos seus territórios. O conhecimento das plantas e a relação do homem com a natureza não são passados e nem aprendidos de maneira sistemática e formal entre estes indígenas e são poucos os detentores destes conhecimentos. A grande variedade de espécies vegetais registradas demonstrou que o uso das plantas é bem abrangente. Calculou-se o Índice de Significado Cultural de cada planta. As espécies de maior significado cultural são na maioria nativas, geralmente de uso medicinal para diferentes tratamentos, como *Neoglaziovia variegata*, *Caesalpinia pyramidalis*, *Spondias tuberosa*, *Baccharis sylvestris*, *Commiphora leptophloeos*, *Syagrus coronata*, *Aspidosperma pyriforme*, *Hyptis pectinata*, *Lippia macrophylla*, *Jatropha pohliana*, *Pithecellobium avaremotemo* e *Sideroxylon obtusifolium*, demonstrando a importância das espécies vegetais da Caatinga na sobrevivência cultural e ecológica dos Pankararu.

**Palavras-chave:** Etnobotânica; Comunidades tradicionais; Indígenas de Pernambuco.

**ABSTRACT**

In this ethnobotany study accomplished in the Pankararu indigenous territories, located in the State of Pernambuco, Brazil, through interviews was verified the use of 87 plant species and two lichen species, being most part of natural occurrence of the biome Caatinga and the others introduced for several purposes, such as medicine, food, handicrafts, firewood, utensils and buildings in general. The objective of this study was to accomplish a gathering of the knowledge that Pankararu possess about the vegetation of their territories. The knowledge of the plants and man's relationship with the nature neither are passed or learned in a systematic or formal way among these natives, there are few that holden these knowledge. The great variety of registered plant species demonstrated that the use of the plants is comprehensive. The Cultural Significance Index of each plant was calculated. The species of most cultural significance are native, usually of medicinal use for different health treatments, as *Neoglaziovia variegata*, *Caesalpinia pyramidalis*, *Spondias tuberosa*, *Baccharis sylvestris*, *Commiphora leptophloeos*, *Syagrus coronata*, *Aspidosperma pyriforme*, *Hyptis pectinata*, *Lippia macrophylla*, *Jatropha pohliana*, *Pithecellobium avaremotemo* e *Sideroxylon*

*obtusifolium*, showing the importance of Caatinga species in the cultural and ecological survival of the Pankararu.

**Key words:** Ethnobotany; Indigenous people of Pernambuco; Traditional communities.

## 1 INTRODUÇÃO

A etnobotânica é a ciência ligada à botânica e à antropologia, que estuda as interações entre as plantas e o homem, em sistemas dinâmicos, consistindo também na compreensão dos usos e aplicações tradicionais dos vegetais pelo homem. É uma ciência multidisciplinar, que engloba conhecimentos botânicos, antropológicos, farmacológicos, ecológicos e linguísticos (ALCORN, 1995).

Os estudos de etnobotânica têm apoiado etnias minoritárias no embate contra a apropriação intelectual indevida do conhecimento das propriedades terapêuticas de plantas medicinais por grupos econômicos, que registram princípios ativos como propriedade privada, em contraste com as informações tradicionais que lhes foram cedidas gratuitamente (ALCORN, 1995; MINNIS, 2000).

As utilidades das plantas são resultantes de uma série de influências culturais e o conhecimento popular dos seus diversos usos é desenvolvido por grupos culturais que ainda convivem intimamente com a natureza, observando-a diariamente de perto e explorando as suas potencialidades, mantendo vivo e crescente esse patrimônio através da experimentação sistemática e constante (ELISABETSKY, 1997; AMORIM *et al.*, 2003).

A perda da biodiversidade e o acelerado processo de mudança cultural acrescentam um senso de urgência no registro desse saber (ELISABETSKY, 2003). A criação de instrumentos legais de direitos de propriedade intelectual para conhecimentos tradicionais é de fundamental importância (CUNNINGHAM, 1993). Estudos etnobotânicos podem representar importante ferramenta para subsidiar políticas e programas de conservação e uso sustentável da vegetação, utilizando de forma responsável a experiência que as comunidades tradicionais têm acumulado ao longo dos anos, observando, experimentando, reinterpretando a natureza e sua sociedade (BROWERS, 1993).

O principal objetivo deste estudo foi realizar um levantamento do conhecimento que os indígenas Pankararu possuem sobre a vegetação existente nos seus territórios. Espera-se que esta investigação etnobotânica traga contribuições para a conservação da diversidade biológica e cultural da região estudada, contribua para a compreensão de diferentes aspectos do comportamento humano, como as estratégias de sobrevivência e adaptação ao meio

ambiente, classificação, manejo e conservação dos recursos naturais, nas diversas formas de transmissão dos conhecimentos, alicerçando e estreitando as relações de parentesco entre os membros das comunidades estudadas.

## 2 METODOLOGIA

Os Territórios Indígenas objetos deste estudo são as Terras Indígenas Pankararu, Entre Serras e Pankaiwká/Cristo Rei, localizadas nos municípios de Petrolândia, Tacaratu e Jatobá, estado de Pernambuco, entre as coordenadas geográficas 9°02' e 9°17' de latitude sul e 38°06' e 38°16' de longitude oeste. A localidade Pankaiwká/Cristo Rei é um núcleo de remanescentes Pankararu que assumiu o etnônimo Pankaiwká (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2018).

Esses Territórios Indígenas estão situados no bioma Caatinga, segundo o Mapa de Biomas do Brasil (IBGE, 2004), com biodiversidade rica em recursos genéticos e vegetação constituída por espécies lenhosas, ervas, cactáceas e bromeliáceas. A vegetação natural remanescente encontra-se em diferentes estágios de sucessão secundária, onde é evidente a intervenção antrópica, para qualquer que tenha sido o tipo de uso da terra. Essas áreas, quando abandonadas após seu uso, reagem de diferentes maneiras de acordo com o tempo e o uso.

A subdivisão de Caatinga predominante nestas áreas é a Savana-Estépica Arborizada, que apresenta um estrato arbóreo ou arbustivo-herbáceo, que varia quanto à deciduidade foliar, de porte baixo, com dossel geralmente descontínuo e árvores com ramificação profusa, comumente armadas com espinhos e acúleos (SAMPAIO *et al.*, 2002). Nas áreas de encosta das serras, há uma vegetação com porte mais alto, em média 5 metros de altura, mais ou menos denso, característica da subdivisão Savana-Estépica Florestada.

A estrutura e a dinâmica dos remanescentes de vegetação natural existentes na região de estudo estão sendo diretamente afetados por diversos fatores, dentre os quais se destacam o histórico de perturbações antrópicas, o tamanho destas áreas, sua forma, o estágio de sucessão secundária da vegetação, tipo de vizinhança e o grau de isolamento, que vem comprometendo profundamente a diversidade biológica e a sustentação destes ambientes naturais.

Do ponto de vista histórico, a devastação desses ambientes naturais na região de estudo inicia-se com a expansão da pecuária no século XVII, com a supressão da vegetação original para implantação de grandes áreas de pastagens. Segundo Alves *et al.* (2008), nas áreas em que a caatinga foi transformada em pastos, seu aspecto geral pode ser a de uma savana arborizada. Se as atividades cessarem, a regeneração da caatinga apresenta um grupo

de arbustos com porte uniforme. Nas áreas submetidas a uma menor pressão antrópica a vegetação é mais densa e constituída por várias espécies cuja dominância é difícil de ser determinada.

Os Territórios Indígenas estudados estão inseridos numa região que prevalece um mosaico de fragmentos de vegetação natural, áreas de pastagem e agricultura. A vegetação natural remanescente se resume em pequenos e médios fragmentos de Caatinga, muitas vezes isolados e associados às serras, onde é difícil a prática agrícola. Esta vegetação encontra-se em diferentes estágios de sucessão secundária, resultado de um histórico de intervenções antrópicas, com a supressão parcial e/ou integral da vegetação, passagem constante de fogo e simplificação com a retirada de material lenhoso.

Os Pankararu possuem uma forte tradição agrícola. Suas roças se caracterizam por serem geralmente familiares e de pousio, num sistema de cultivo itinerante onde o fogo desempenha um papel fundamental. Existem dois tipos de roças: as roças de mandioca e as roças de policultivo, com dimensões muito variáveis e se encontram distribuídas nas áreas mais planas das aldeias.

Os estudos nos Territórios Indígenas Pankararu foram realizados nos meses de julho e agosto de 2012. Foram entrevistadas pessoas de ambos os sexos e de diferentes idades. A escolha dos entrevistados deu-se com base no conhecimento com relação ao uso dos vegetais para diferentes fins, mas não somente aqueles que aparentemente são detentores do conhecimento sobre plantas, pois um dos objetivos destas entrevistas foi detectar se as tais informações estão sendo divulgadas para as novas gerações e qual é o nível de processo divulgativo. No total foram 42 entrevistados além de depoimentos informais.

Detalhes das plantas indicadas foram registrados por meio de fotografia digital. Estes registros foram utilizados como apoio para a identificação taxonômica das espécies vegetais que não puderam ser identificadas *in situ*. A identificação e confirmação do material botânico foram realizadas por meio de comparações com materiais depositados em herbários, além de consultas à literatura específica e especialistas.

As espécies vegetais identificadas foram classificadas em categorias de uso: medicinal, alimento, artesanato, lenha, utensílios e construções em geral, sendo que algumas espécies se encaixaram em mais de um tipo de categoria. Não foi estabelecida uma ligação direta entre as espécies vegetais usadas como remédio e seu tratamento medicinal, visando a proteção do conhecimento tradicional indígena, de acordo com a Lei Nº 13.123, de 20 de maio de 2015, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, proteção e acesso ao

conhecimento tradicional associado e a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade.

Através dos dados das entrevistas foi calculado para cada espécie o índice de significado cultural (ISC) proposto por Turner (1988) e adaptado por Silva (2003) para estudos de etnobotânica no semiárido nordestino, através da fórmula  $ISC = \sum (i \times e \times c) \times FC$ , sendo  $i$  = manejo da espécie, com valor 2 para espécie que sofre algum tipo de manejo e 1 para espécie de atividade extrativista,  $e$  = preferência de uso, com valor 2 para espécie preferencialmente usada para uma proposta, escolhida em relação a outras disponíveis e 1 para espécie não preferencialmente escolhida para determinado fim,  $c$  = frequência de uso, com valor 2 para espécie muito usada e conhecida e 1 para espécie pouco conhecida e  $FC$  = fator de correção, cujo valor é o número de citações de determinada espécie dividido pelo número de citações da espécie mais citada.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das informações colhidas nas entrevistas e levantamentos de campo, nas quais muitas vezes houve a apresentação *in situ* das plantas, foi possível listar um total de 87 espécies de vegetais, compreendendo as diferentes formas de vida, ou seja, árvores, arbustos, ervas, lianas, palmeiras, cactos e bromélia, além de duas espécies de líquens. A maioria destas espécies (87,6%) é de ocorrência natural do bioma Caatinga e outras foram introduzidas com sucesso para diferentes fins.

O conhecimento das plantas e a relação do homem com a natureza não são passados e nem aprendidos de maneira sistemática e formal entre os Pankararu e são poucos os detentores destes conhecimentos. Muitas crianças e adolescentes têm conhecimento dos nomes das principais espécies vegetais e as suas inter-relações bióticas, porém as inter-relações míticas são preservadas geralmente entre os mais velhos.

Confirmando a enorme diversidade de remédios utilizada pelos Pankararu, o estudo registrou 67 espécies vegetais e duas espécies de líquens utilizadas na medicina profilática e curativa dos indígenas para 38 tipos de doenças e sintomas de enfermidades. Nota-se a existência de um sistema de classificação dos vegetais a partir das qualidades terapêuticas, que são atribuídas às plantas e a sua utilização para tais fins. Práticas relacionadas ao uso popular de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde (AMOROZO, 2002).

As principais doenças e sintomas de enfermidades confirmadas nas entrevistas e tratadas com os “remédios do mato” foram gripes, febres, sinusites, afecções gastrointestinais, oftalmias, reumatismos, estomatites, parasitoses e dermatoses.

Para cada espécie vegetal catalogada neste estudo, os entrevistados indicaram um ou mais usos. As entrecascas, as raízes e as folhas são tradicionalmente as partes mais utilizadas para tratamento medicinal (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; DI STASI *et al.*, 2002; SILVA; ALBUQUERQUE, 2005; COLAÇO, 2006; SOUSA *et al.*, 2010), provavelmente por causa da facilidade de coleta e devido à praticidade de se extrair suas propriedades por meio de infusão. Outras partes vegetais utilizadas para o preparo de remédios são as seivas dos troncos, as sementes, os talos, as flores, os bulbos e as polpas dos frutos.

Os Pankararu cultivam ervas vegetais exóticas nas suas aldeias, com a finalidade de uso medicinal, como o capim-santo (*Cymbopogon citratus*), a babosa (*Aloe vera*), a erva-cidreira (*Melissa officinalis*), o boldo (*Peumus boldus*), o alecrim (*Rosmarinus officinalis*) e a hortelã (*Mentha spicata*). A maioria das plantas utilizadas pelos indígenas para uso medicinal é encontrada na natureza e estes a utilizam a partir da coleta de material vegetativo.

Algumas peculiaridades das plantas medicinais usadas pelos Pankararu não podem ser entendidas se não forem levados em consideração os fatores culturais envolvidos e o ambiente físico em que ocorre. Segundo Amorozo (1996), quando os integrantes de uma comunidade compartilham certa visão de mundo, estabelece-se uma coesão do grupo, uma socialização e sociabilidade dos seus integrantes, fornecendo-lhe elementos e formas de explicar e dar significado à realidade.

Segundo alguns entrevistados, a maioria dos indígenas utiliza remédio alopático, pois “a ação destes é mais rápida”, porém, “primeiro o doente é medicado na aldeia, com o medicamento do mato e depois vai para a farmácia”.

Para Amorozo (1996), a utilização de remédios alopáticos pelas populações tradicionais não destrói os esquemas explicativos preexistentes, mas acrescenta novas possibilidades a estes. Desta forma, algumas doenças parecem ser vistas como sendo curáveis somente pelos remédios alopáticos e outras pelas ervas do mato ou pelos especialistas da comunidade, como as benzedadeiras e o pajé. O pajé “deve cumprir” várias funções, tais como “cuidar dos terreiros da tradição, aconselhar os filhos da terra e cuidar dos remédios que servem para curar a comunidade”.

Um fato bastante abordado nas entrevistas foi o difícil acesso aos locais aonde se encontram determinadas plantas e o exemplo mais frequente foi o da imburana-de-cheiro (*Amburana cearensis*), espécie arbórea típica da caatinga e bastante utilizada na medicina

popular no nordeste do Brasil (GOMES *et al.*, 2008). Segundo informações, esta espécie já não existe nos limites da Terra Indígena Pankaiwka/Fazenda Cristo Rei e os Pankararu “*percorrem longas distâncias*”, fora dos limites do seu território, em busca de material vegetal desta árvore para fazer remédio. O mesmo acontece com a bromélia *croá* (*Neoglaziovia variegata*), “*cujas áreas de ocorrência estão cada vez mais longe da aldeia*”.

Com algumas ervas medicinais os Pankararu fazem a *xaropada* ou *lambedor*, que é a infusão de partes destas plantas em água e o seu cozimento com açúcar ou mel, sendo muito tradicional a *xaropada* de sete ervas, com entrecasca do angico (*Anadenanthera macrocarpa*), do carcarazeiro (*Pithecellobium diversifolium*) e rompe-gibão (*Pithecellobium avaremotemo*), folhas da jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*) e do alecrim (*Rosmarinus officinalis*), raízes da catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*) e frutos da jurubeba (*Solanum paniculatum*).

Algumas superstições quanto ao poder das ervas do mato recaem ao domínio do seu conhecimento e sua efetividade. Desta forma, para espantar o mau-olhado, “*basta espetar três dentes de alho roxo nos espinhos do cacto coroa-de-frade (Melocactus zehntneri)*”. A espécie *Sansevieria trifasciata*, conhecida popularmente como espada-de-são-jorge, introduzida do continente africano e frequente em comunidades quilombolas (GOMES, 2009), é encontrada plantada próximo de algumas casas das aldeias estudadas. A planta é popularmente famosa por espantar mau-olhado (ROCHA, 2014) e esta crença parece ter sido incorporada à cultura Pankararu.

O alecrim-de-caboclo (*Baccharis sylvestris*) é utilizado para banho e como defumador. As folhas da quebra-faca (*Croton micans*) são esfregadas no corpo antes dos rituais, para a sua purificação. O junco (*Cyperus esculentus*) também é utilizado para banho, principalmente do pajé, para se preparar antes do trabalho. Com a entrecasca da aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), espécie arbórea cujas indicações terapêuticas são bastante conhecidas no nordeste do Brasil (GOMES *et al.*, 2008; MARANGONI, 2015) se prepara um chá que é utilizado no banho da mulher logo após o parto.

A imburana-de-cheiro (*Amburana cearensis*) é uma árvore bastante importante na cultura Pankararu, pois dela se usa a entrecasca, a seiva do tronco e as sementes, que são trituradas e misturadas com ervas e fumo e o produto utilizado no *campiô*, que é um cachimbo de madeira confeccionado pelos indígenas. A fumaça gerada pelo *campiô* é utilizada para fazer limpezas espirituais nos rituais sagrados. É bastante comum adicionar a esta mistura de ervas e fumo algumas folhas do alecrim-de-caboclo (*Baccharis sylvestris*), para a fumaça ficar cheirosa, além desta erva ser purificadora do corpo.

Foi registrado o emprego de plantas vasculares raras na medicina tradicional dos Pankararu da Terra Indígena Pankaiwka/Fazenda Cristo Rei, como a pteridófito *Selaginella convoluta*, uma micro samambaia de folhas miúdas, conhecida como *jeriçó*, nativa da caatinga, extraordinariamente resistente à seca.

O emprego de espécies liquênicas de valor terapêutico tem sido pouco frequente nas pesquisas etnobotânicas ao redor do mundo, sendo inexistente a documentação de líquens na medicina tradicional brasileira (CASTAÑEDA, 2010). Entre os Pankararu foram registradas duas espécies de líquens pertencentes à família Parmeliaceae (*Canoparmelia salacinifera* e *Parmotrema wrightii*), denominadas *flor-de-pedra* pelos Pankararu e utilizadas como medicamento. Em estudo realizado entre os Kayabi, no Estado do Pará (registro pessoal), constatou a utilização de líquens como medicamento pelos indígenas, sendo os mais comuns o *iwepoi*, que é mastigado e utilizado contra cansaço e o *akyykiap*, de coloração vermelha e que se desenvolve geralmente no tronco do ingazeiro (*Inga* spp.).

A base alimentar dos Pankararu é composta geralmente por feijões e farinha de mandioca, cultivados nas roças presentes nas aldeias, além de uma fonte de proteína animal, geralmente comprada e não raramente caçada ou pescada. A alimentação é complementada por frutas, como banana e melancia e outros alimentos cultivados nas roças de policultivo, como macaxeira, abóbora, milho e batata-doce.

São muitas as frutas de ocorrência natural nos territórios indígenas estudados e que são apreciadas pelos Pankararu, como umbu (*Spondias tuberosa*), jenipapo (*Genipa americana*), pitomba (*Sapindus esculentus*), ingazeiro (*Inga laurina*), jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*) e cajá (*Spondias mombin*). A palma (*Nopalea cochenillifera*), espécie de cactácea originária do México é bastante cultivada em diversas regiões da Caatinga, como fonte de alimento para o gado bovino (SANTOS *et al.*, 2006) e também entre os Pankararu, que a utilizam na alimentação.

A maioria dos entrevistados possuía profundo conhecimento da fenologia das espécies frutíferas, em especial do umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), pois esta espécie arbórea tem um papel muito importante na cultura dos Pankararu, sendo que o primeiro fruto maduro colhido no ano é utilizado na festa da “*Flechada do Umbu*”. Este fruto é envolvido numa folha e fixado num ramo para ser flechado pelos *praiás*. A festa é realizada no primeiro domingo após a colheita do primeiro umbu maduro, onde toda a aldeia participa e é realizada em terreiro sagrado.

Os *praiás* representam os encantados, símbolos fundamentais dentro da religiosidade e sistema de cura Pankararu. Os Pankararu acreditam na força encantada dos *praiás* que vestem

fardamentos feitos da cabeça aos pés da fibra do *croá* (*Neoglaziovia variegata*), que escondem a identidade e fazem aumentar o mistério da prática. Quando realizam promessas, os Pankararu têm que pagá-las, promovendo uma festa com oferendas. Quando não são realizados os rituais, os fardamentos são guardados em um lugar sagrado chamado de *poró*.

Os frutos do umbuzeiro, mesmo ainda não completamente maduros, são utilizados na fabricação de uma bebida artesanal conhecida por *umbuzada*, muito apreciada pelos Pankararu e de sabor bastante agradável, preparada com a polpa dos frutos do umbuzeiro, leite condensado, creme de leite e coco ralado. A tradicional “*Corrida do Umbu*” é realizada no período de maior frutificação do umbuzeiro, entre fevereiro e março, dura quatro fins de semana e coincide com o período da Quaresma, no calendário da Igreja Católica. Nesta festa há a tradicional “*dança dos praiás*” em terreiro sagrado e a “*queimação do cansaço*”, ritual de autoflagelação aonde são utilizados ramos de cansaço (*Jatropha urens*), planta da família Euphorbiaceae conhecida por suas propriedades urticantes.

Além das espécies frutíferas nativas da Caatinga que são consumidas pelos Pankararu, são cultivadas, em pomares nas aldeias, espécies frutíferas exóticas, como bananeira (*Musa paradisiaca*), abacaxi (*Ananas comosus*), laranja (*Citrus cinensis*), tamarindo (*Tamarindus indica*), mamão (*Carica papaya*), acerola (*Malpighia puniceifolia*) e principalmente a mangueira (*Mangifera indica*), espécie frutífera mais presente nas aldeias, sendo também utilizada como árvore de sombra.

Há plantios de cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*) em algumas aldeias, de onde é retirado o caldo que é utilizado como bebida nas festividades do *toré*. Esta bebida é conservada em recipientes e sofre uma fermentação alcoólica ao longo da semana, podendo causar ligeira embriaguez.

O *toré* é um ritual é considerado o símbolo maior de resistência dos povos indígenas do Nordeste. Ele é realizado geralmente de 15 em 15 dias, tanto com o objetivo religioso quanto festivo, de comemoração. À primeira vista, pode ser percebido como uma dança. O *maracá* (chocalho geralmente feito com uma cabaça seca na qual se metem pedras ou coquinhos) dá o tom das pisadas e os índios dançam, em geral, em círculo. O *toré* também pode ser celebrado para homenagear autoridades ou visitas, em exibições públicas nas cidades onde as aldeias estão localizadas para reafirmar a coletividade perante a sociedade e também com função religiosa, de penitência, resgate dos antepassados e relação com a natureza (GRÜNEWALD, 2008).

Os Pankararu possuem uma cultura material elaborada. Esteiras são confeccionadas a partir da fibra da taboa (*Typha dominguensis*), da bananeira (*Musa paradisiaca*) e do junco (*Cyperus esculentus*), espécie herbácea bastante frequente na margem do rio Moxotó.

O *croá* é uma bromélia da espécie *Neoglaziovia variegata* que fornece uma fibra para tecelagem. De caule curto, possui espinhos em sua borda, com folhas dispostas em roseta. Com a fibra trançada do *croá* são feitos diversos tipos de utensílios, como o *aió*, que é uma espécie de bolsa de caça tira colo. O nome *aió* faz parte do léxico nordestino, não se tratando necessariamente de um nome de origem Pankararu.

O nome *croá* ou *caroá* é um dos poucos nomes que os entrevistados apresentaram como sendo de origem Pankararu. Outro nome Pankararu é o *campiô*, cachimbo feito artesanalmente com madeira, preferencialmente da jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*) e que torneado adquire a forma de um cone. A pedra de onde se extrai uma tinta vermelha que serve para pintar detalhes nas vestimentas dos *praiás*, que são confeccionadas com fibras trançadas do *croá* chama-se *toá*, também de origem Pankararu.

O *croá* é colhido pelos Pankararu, muitas vezes fora dos limites dos territórios indígenas. O primeiro tratamento é realizado no local de colheita, com as folhas sendo retiradas, colocadas em um arame e puxadas. Os feixes de fibras são levados para as aldeias onde serão lavados e estendidos para secar. Para a vestimenta dos *praiás*, feitas com as fibras trançadas do *croá*, são necessárias 180 a 230 dúzias de *croá*.

Há esteiras feitas das folhas trançadas da palmeira licuri (*Syagrus coronata*). Seu trançado é conduzido no sentido da largura, sendo o trabalho realizado contemporaneamente em todo o comprimento da esteira. Os folíolos são trançados entre si, previamente dobrados no sentido longitudinal e o desenho resultante é do tipo de espinha de peixe, no sentido da largura da esteira. Estas esteiras são muito flexíveis, de boa consistência e aparentemente boa durabilidade.

Com as folhas trançadas do licuri os Pankararu também produzem o “*chapéu da tradição*”, cobertura de algumas casas, bolsas, vassouras, peneiras, abanicos que são usados como ventarolas para abanar-se e para incentivar o fogo e a *sunga*, que é um instrumento de caça semelhante à histórica *funda*, que serve para arremessar pedras.

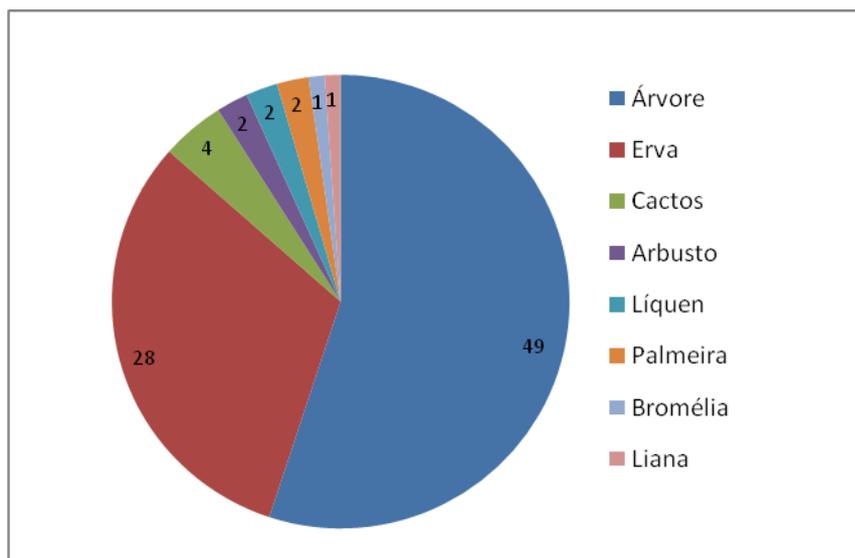
As casas dos Pankararu são geralmente feitas de alvenaria, com algumas construções feitas de madeira compradas em serrarias das cidades e em alguns casos utiliza-se a madeira da algaroba (*Prosopis juliflora*), espécie arbórea exótica introduzida na região nos anos 60 (AZEVEDO, 1982). Muitas espécies florestais são utilizadas para lenha pelos indígenas, tanto as “*madeiras boas*” como as “*ruins*”. A catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), espécie

arbórea de grande dominância e ampla distribuição na Caatinga do sertão de Pernambuco (PINHEIRO & ALVES, 2007) é considerada por alguns entrevistados como que produz o melhor carvão. Na construção de cercas são utilizadas, além da catingueira, imburana-de-cambão (*Commiphora leptophloeos*), braúna (*Schinopsis brasiliensis*), angico (*Anadenanthera macrocarpa*), quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium*), jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*) e algaroba (*Prosopis juliflora*).

Foi constatada certa preocupação por parte de alguns entrevistados, de que algumas espécies arbóreas, consideradas muito importantes, estão cada vez mais difíceis de serem encontradas, como o angico (*Anadenanthera macrocarpa*), a braúna (*Schinopsis brasiliensis*), a aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) e a imburana-de-cheiro (*Amburana cearensis*). Estas quatro espécies estão entre as cinco destacadas por Albuquerque & Andrade (2002) como as mais críticas devido à pressão extrativista não apenas pelo seu uso local como recurso medicinal, mas pela existência de um amplo mercado consumidor que se estende por todo o estado de Pernambuco.

As espécies com maior ISC (índice de significado cultural) são na maioria nativas, geralmente de uso medicinal, como croá (*Neoglaziovia variegata*), catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), alecrim-de-caboclo (*Baccharis sylvestris*), imburana-de-cambão (*Commiphora leptophloeos*), licuri (*Syagrus coronata*), pereiro (*Aspidosperma pyriforme*), sambacaitá (*Hyptis pectinata*), alecrim-de-vaqueiro (*Lippia macrophylla*), pinhão (*Jatropha pohliana*), rompe-gibão (*Pithecellobium avaremotemo*) e quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium*), demonstrando a importância das espécies vegetais da Caatinga na sobrevivência cultural e ecológica dos Pankararu.

A partir das informações colhidas nas entrevistas, muitas delas com a apresentação *in situ* das plantas, foi possível listar um total de 87 espécies vegetais e duas espécies de líquens. A **figura 01** apresenta a quantificação do número de espécies vegetais com diversos usos para os Pankararu, de acordo com a forma de vida. As espécies arbóreas são as mais utilizadas pelos indígenas, com 49 táxons identificados, seguido das ervas com 28 espécies. Ainda foram registradas quatro espécies arbustivas, duas espécies de cactos, duas espécies de líquens, duas espécies de palmeiras, uma espécie de bromélia e uma espécie de liana. Na **tabela 01**, as espécies são apresentadas de acordo com o hábito e categorias de uso.



**Figura 01:** Número de espécies vegetais, nas diferentes formas de vida, usadas para diversos fins pelos Pankararu.

Espécie	Nome vernacular	Hábito	ISC	Categoria de uso
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f. (*)	Babosa	Erva	2,43	M
<i>Amburana cearensis</i> A.C. Smith.	Imburana-de-cheiro	Árvore	2,71	M
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Árvore	1,18	A, M
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico-branco	Árvore	0,79	C
<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan	Angico	Árvore	2,57	C, M
<i>Annona coriacea</i> Mart.	Araticum	Árvore	0,57	M
<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	Árvore	0,43	A, M
<i>Aspidosperma pyriforme</i> Mart. & Zucc	Pereiro	Árvore	3,43	C, M
<i>Baccharis sylvestris</i> L.	Alecrim-de-caboclo	Erva	5,14	M
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Mororó	Árvore	0,79	M
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Sucupira	Árvore	0,29	C
<i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Schult	Macambira	Erva	0,86	M
<i>Byrsonima sericea</i> DC	Murici	Árvore	0,57	A, M
<i>Caesalpinia microphylla</i> Mart. ex G. Don	Catingueira-rasteira	Erva	2,57	M
<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	Árvore	6,29	C, M
<i>Canoparmelia salacinifera</i> (Hale) Elix & Hale	Flor-de-pedra	Líquén	0,14	M
<i>Cassia tora</i> L.	Fedegoso	Erva	0,14	M
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	Árvore	0,54	C, M
<i>Ceiba speciosa</i> (A.St. Hil.) Ravenna	Barriguda	Árvore	0,04	C
<i>Cereus jamacaru</i> DC	Mandacaru	Cactos	1,43	M
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Erva	1,29	M
<i>Cnidocolus phyllacanthus</i> (Mart.) Pax et Hoffm.	Faveleira	Árvore	2,00	M
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillett	Imburana-de-cambão	Árvore	4,86	C, M
<i>Copaifera officinalis</i> L.	Copaíba	Árvore	0,21	M
<i>Cordia leucocephala</i> Moric	Moleque-duro	Árvore	0,21	M
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Freijó	Árvore	0,04	C

Espécie	Nome vernacular	Hábito	ISC	Categoria de uso
<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth.	Velande	Erva	0,21	M
<i>Croton micans</i> Sw.	Quebra-faca	Erva	1,00	M
<i>Croton sonderianus</i> Muell. Arg.	Marmeleiro	Erva	0,79	M
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf (*)	Capim-santo	Erva	0,50	M
<i>Cyperus esculentus</i> L.	Junco	Erva	0,07	M
<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth.	Mucunã	Árvore	0,04	M
<i>Erythrina mulungu</i> Mart. ex Benth.	Mulungu	Árvore	0,11	C
<i>Eugenia multiflora</i> Lam.	Guamirim	Árvore	0,07	A
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Árvore	0,11	A
<i>Euphorbia phosphorea</i> Mart.	Burra-leiteira	Árvore	0,29	M
<i>Ficus calyptroceras</i> (Miq.) Miq.	Figueira	Árvore	0,14	C
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Árvore	0,64	A, M
<i>Guapira graciliflora</i> (Mart. ex Schmidt) Lundell.	Pau-piranha	Árvore	0,36	M
<i>Habranthus itaobinus</i> Ravenna	Cebola-brava	Erva	1,43	M
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	Jatobá	Árvore	1,14	A, C
<i>Hyptis pectinata</i> (L.) Poit.	Sambacaitá	Arbusto	3,43	M
<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd	Ingazeiro	Árvore	0,36	A, M
<i>Jatropha pohliana</i> Müll. Arg.	Pinhão	Erva	3,14	M
<i>Jatropha urens</i> L.	Cansação	Erva	1,29	M
<i>Lippia macrophylla</i> Cham.	Alecrim-de-vaqueiro	Erva	3,21	C, M
<i>Luehea ochrophylla</i> Mart.	Açoita-cavalo	Árvore	0,07	C
<i>Melissa officinalis</i> L. (*)	Erva-cidreira	Erva	0,36	M
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelburg	Coroa-de-frade	Cactos	0,14	M
<i>Mentha spicata</i> L. (*)	Hortelã	Erva	0,43	M
<i>Mimosa caesalpinifolia</i> Benth.	Sabiá	Árvore	0,11	C
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema-preta	Árvore	2,57	C, M
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. All.	Aroeira	Árvore	2,79	C, M
<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O.Berg. (*)	Jabuticaba	Árvore	0,54	A, M
<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez	Croá	Bromélia	8,00	At, M
<i>Nopalea cochenillifera</i> (L.) Salm-Dyck (*)	Palma	Cactos	0,93	A
<i>Operculina alata</i> (Ham) Urb.	Batata-de-teiú	Erva	0,29	M
<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	Babaçu	Palmeira	1,43	C
<i>Parmotrema wrightii</i> Ferraro & Elix.	Flor-de-pedra	Líquén	0,07	M
<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Maracujá	Liana	0,50	M
<i>Peumus boldus</i> Molina (*)	Boldo	Erva	0,36	M
<i>Phyllanthus amarus</i> Schum. & Thonn.	Quebra-pedra	Erva	0,36	M
<i>Pilosocereus gounellei</i> Weber ex Schum.	Xique-xique	Cactos	0,21	M
<i>Pilosocereus pachycladus</i> Ritter.	Facheiro	Árvore	1,21	C
<i>Pithecellobium diversifolium</i> Benth.	Carcarazeiro	Árvore	2,57	M
<i>Pithecellobium avaremotemo</i> Mart.	Rompe-gibão	Árvore	3,14	M
<i>Prosopis juliflora</i> (Sw) DC (*)	Algaroba	Árvore	0,43	C, M
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	Araçá	Árvore	0,43	A
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Árvore	0,64	A, M
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (*)	Alecrim	Erva	1,79	M
<i>Sapindus esculentus</i> A.St.Hil.	Pitomba	Árvore	0,29	A
<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Braúna	Árvore	0,64	C, M

Espécie	Nome vernacular	Hábito	ISC	Categoria de uso
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeirinha	Árvore	0,07	C
<i>Selaginella convoluta</i> (Arn.) Spring	Jericó	Erva	0,36	M
<i>Sida cordifolia</i> L. (*)	Malva	Erva	0,14	M
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.	Quixabeira	Árvore	3,14	C, M
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	Arbusto	0,64	M
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	Árvore	0,43	A
<i>Spondias tuberosa</i> L.	Umbuzeiro	Árvore	5,79	A, M
<i>Syagrus coronata</i> Mart.	Licuri	Palmeira	3,57	A, At, M
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Pau-d'arco	Árvore	0,29	C, M
<i>Tacinga inamoena</i> (K.Schum.) Taylor & Stuppy	Quipá	Erva	0,14	M
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Catinga-de-mulato	Erva	1,86	M
<i>Tripogandra diuretica</i> (Mart.) Handlos.	Botão-de-santa-luzia	Erva	0,43	M
<i>Typha domingensis</i> Pers.	Taboa	Erva	0,07	At
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp (*)	Feijão-de-corda	Erva	0,14	M
<i>Ximения americana</i> L.	Ameixa	Árvore	0,04	M
<i>Xylopia frutescens</i> Aubl.	Pindaíba	Árvore	0,04	C
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Joazeiro	Árvore	2,57	A, M

ISC (Índice de significado cultural); Categoria de uso (A = alimento; At = artesanato; C = lenha, utensílios e construções em geral; M = medicinal). (\*) Espécie exótica introduzida e cultivada.

**Tabela 01:** Principais espécies vegetais utilizadas pelos Pankararu para diversos fins, relacionadas em ordem alfabética pelo nome científico.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações estabelecidas entre os Pankararu com o ambiente em que vivem são muito importantes para a sua sobrevivência e a preservação deste ambiente. Tais relações são complexas, evidenciando-se uma interação mítica entre o homem e os elementos da natureza.

A alteração da cobertura vegetal da região de estudo implicou na alteração profunda das relações entre os indígenas e o meio ambiente. Observou-se neste estudo uma grande preocupação dos indígenas no resgate de alguns elementos da sua cultura, o que já vem sendo trabalhado dentro das próprias comunidades.

A grande variedade de espécies vegetais registradas demonstrou que o uso das plantas pelos Pankararu é bem abrangente e que o uso de diversas plantas para um mesmo fim não está relacionado com a proximidade taxonômica das espécies. As espécies de maior significado cultural são na maioria nativas, o que demonstra a importância das espécies vegetais da Caatinga na sobrevivência cultural e ecológica dos Pankararu.

**REFERÊNCIAS**

- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciencia**, Caracas, v. 27, p. 336-345, 2002.
- ALCORN, J. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E.; REIS, S. (Ed.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press. 1995. p. 23-39.
- ALVES, J. J. A.; ARAÚJO, M. A.; NASCIMENTO, S. S. Degradação da caatinga: uma investigação ecogeográfica. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 9, n. 27, p. 143-155, 2008.
- AMORIM, E. L. C.; LIMA, C. S. L.; HIGINO, J. S.; SILVA, L. R. S.; ALBUQUERQUE, U. P. Fitoterapia: instrumento para uma melhor qualidade de vida. **Infarma**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 66-69, 2003.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP. p. 47-68, 1996.
- \_\_\_\_\_. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio de Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.
- AZEVEDO, G. F. Como e porque a algarobeira foi introduzida no Nordeste. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE ALGAROBA, 1, 1982, Natal. **Anais...** Natal: EMPARN, p. 300-306, 1982.
- BROWERS, J. H. A. M. Rural people's response to soil decline: The Adja case (Benin). **Wageningen Agricultural University Papers**, Wageningen, p. 93-94. 1993.
- CASTAÑEDA, P. A. L. **Etnobotânica de plantas medicinais usadas pela comunidade indígena Pankararu, Pernambuco, Brasil**. 2010. 154 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2010.
- COLAÇO, M. A. S. **Etnobotânica dos índios Pankararé, no Raso da Catarina - Bahia: uso e importância cultural de plantas da Caatinga**. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. 2006.
- CUNNINGHAM, A. B. **Ethics, etnobiological research, and biodiversity**. Gland: WWF International publications, 1993.
- DI STASI, L. C.; OLIVEIRA, G. P.; CARVALHAES, M. A.; QUEIROZ-JUNIOR, M.; TIEN, O. S.; KAKINAMI, S. H.; REIS, M. S. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia**, Amsterdam, v. 73, n. 1, p. 69-91, 2002.
- ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras. In: RIBEIRO, D. (Ed.). **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 135-148.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 55, n. 3, p. 35-36, 2003.

GOMES, A. M. S. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: terreiros, quilombos, quintais da grande BH**. 2009. 272 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.

GOMES, E. C. S.; BARBOSA, J.; VILAR, F. C. R.; PEREZ, J. O.; RAMALHO, R. C. Plantas da Caatinga de uso terapêutico: levantamento Etnobotânico. **Engenharia Ambiental: Pesquisa e Tecnologia**, Espírito Santo do Pinhal, v. 5, n. 2, p. 74-85, 2008.

GRÜNEWALD, R. A. Toré e Jurema: emblemas indígenas no Nordeste do Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 60, n. 4, p. 43-45, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa de Biomas do Brasil**. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Diretoria de Geociências. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. 2018. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br>, Acesso em 2018.

MARANGONI, C. **Plantas medicinais tradicionalmente utilizadas no nordeste do Brasil: potencial antimicrobiano para tratar distúrbios das vias gênito-urinárias**. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2015.

MINNIS, P. E. Introduction. In: MINNIS, P. E. (Ed.). **Ethnobotany: a reader**. Norman; University of Oklahoma Press. p. 3-10. 2000.

PINHEIRO, K.; ALVES, M. Espécies arbóreas de uma área de Caatinga no sertão de Pernambuco, Brasil: dados preliminares. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 426-428, 2007.

ROCHA, J. A. **Quilombo São José da Serra: o etnoconhecimento na perspectiva socioambiental**. 2014. 355 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

SAMPAIO, E. V. S. B.; GIULIETTI, A. M.; VIRGÍNIO, J.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L. **Vegetação e Flora da Caatinga**. Recife: Associação Plantas do Nordeste, 2002. 176 p.

SANTOS, D. C.; FARIAS, I.; LIRA, M. A.; SANTOS, M. V. F.; ARRUDA, G. P.; COELHO, R. S. B.; DIAS, F. M.; MELO, J. N. **Manejo e utilização da palma forrageira (*Opuntia* e *Nopalea*) em Pernambuco**. Recife: IPA. 2006. 48 p.

SILVA, A. C. O.; ALBUQUERQUE, U. P. Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil). **Acta Botanica Brasilica**, Belo Horizonte, v. 19, p. 17-26, 2005.

SILVA, V. A. **Etnobotânica dos índios Fulni-ô (Pernambuco, Nordeste do Brasil)**. 2003. 151 f. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003.

SOUSA, M. J. M.; MORAL, F. F.; NASCIMENTO, G. N. L.; SOARES, N. P.; FERREIRA, T. A. A. Medicinal plants used by Itamaraty community nearby Anápolis, Goiás State, Brazil. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 32, n. 2, p. 177-184, 2010.

TURNER, N. J. The importance of a rose: evaluating the cultural significance of plants in Thompson and Lillooet Interior Salish. **American Anthropologist**, Arlington, v. 90, p. 272-290, 1988.

\*\*\*

---

**Fábio Rossano Dário** – Engenheiro Florestal e Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo, e doutorado em Ciências Agrônomicas com ênfase em Ecofisiologia de Plantas Arbóreas pela Scuola Superiore di Studi Universitari e di Perfezionamento Sant'Anna di Pisa, Itália, em 2006, título reconhecido pela Universidade de São Paulo. Atua na iniciativa privada na área de Ecologia, com ênfase em Conservação da Natureza e Etnobotânica, executando trabalhos técnicos para licenciamento ambiental e pesquisas com caracterização da vegetação e diagnóstico de fauna em Estudos de Impacto Ambiental (EIA), Relatório Ambiental Simplificado (RAS), Relatório de Controle Ambiental (RCA) e Estudo de Componente Indígena (ECI).

---

Recebido para publicação em 13 de junho de 2018

Aceito para publicação em 19 de julho de 2018